

## **Espaço de leitura articulados: a escola, a casa, a comunidade**

Rose Mara Gozzi<sup>1</sup>

### **Formação de leitores, espaço de leitura e comunidade**

"A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade daquela" (Paulo Freire).

Ao iniciar a elaboração deste texto, refletindo sobre formação de leitores, espaços de leitura e comunidade, diversas imagens retornam à minha mente. Uma delas me reconduz às ruas da Vila Madalena, em São Paulo, num certo dia em que eu, por ali, caminhava; de repente, uma cena pouco comum chamou a atenção de muitos pedestres e motoristas: debaixo de uma carroça repleta de papéis e papelões, entre a avenida e a calçada de pedestres, estava deitado o seu condutor, com as pernas cruzadas, lendo um jornal. O que teria atraído a atenção do homem, dentro dos noticiários? Seria um hábito seu a leitura de jornais recolhidos? Que imagem diferente de momento de leitura ele apresentou aos que notaram sua presença - no espaço público, uma leitura silenciosa, numa posição corporal de descontração!

Diferentes espaços escolhidos para leitura podem dar margem a cenas inusitadas: leitura no banheiro com direito a escolhas dentro de um pequeno revisteiro, leitura durante o banho... Será que isso é possível? Para um leitor voraz, não há obstáculos: eu soube do caso de um professor que, para proteger o livro a ser lido durante o banho, criou uma engenhoca, ou melhor, uma capa de chuva para livros, com ganchos e plástico.

Bem, com certeza você também já viu, ou mesmo escolheu, espaços diversos e formas diferentes para a realização das inúmeras possibilidades de leitura.

Espaços para leitura são tão importantes que até mesmo livrarias, locais de consumo, vêm repensando seus espaços, propiciando ambientes acolhedores e aconchegantes para que crianças e adultos possam manusear os livros, antes mesmo de comprá-los. E como estarão organizados os espaços e tempos para leitura nas escolas, instituições que têm um compromisso fundamental com a formação de leitores?

A esse respeito, muitas questões podem ser colocadas. Aonde os livros estão acondicionados? Será que as crianças têm o direito de tocá-los? Têm possibilidades de escolhê-los? Haverá uma idade preestabelecida para manuseio de livros? Qual o papel do educador no processo de formação de leitores?

Além disso, dentro do quadro de interesses da comunidade escolar e extra-escolar, como a escola vem participando da formação de leitores, assegurando direitos de compartilhar saberes e suas experiências, integrando-se como elemento essencial dentro de um processo educativo mais amplo? A escola tem rompido com a visão mecanicista da leitura e com o confinamento da instituição educativa? Tem estimulado o trânsito entre a palavra e o mundo e o mundo e a palavra?

Essas formulações são de fundamental importância quando se discutem temas ligados à leitura. Leitura de mundo e leitura de palavras constituem necessidades tão básicas que não se pode abrir mão dessa forma de estar no mundo.

Um olhar sobre a instituição escolar brasileira aponta uma tradição educacional em que o isolamento e confinamento se fazem presentes. Muitas propostas pedagógicas revelam um desrespeito ao potencial humano das crianças, propondo rotinas rígidas e isolando a instituição educativa dos diversos espaços públicos, restringindo as possibilidades de

ampliação de leituras de mundo por parte das crianças. Tal fato repercute fora dos limites da escola, contribuindo para o empobrecimento cultural do país. Se a escola tem o compromisso com a formação de leitores de mundo e de palavras, como intervir em atuações pedagógicas confinadoras em sua essência?

Demonstrar caminhos e possibilidades para transformar essa realidade é um verdadeiro desafio. Para isso, cabe discutirmos como se concebe o ato de leitura. "É preciso saber se o objetivo é formar consumidores da escrita, meros usuários do código verbal, ou seres capazes de imprimir suas marcas aos textos que lêem, estabelecendo com eles um diálogo vivo e único cujo horizonte não é apenas a busca de respostas, mas também a formação de novas indagações" (Perrotti - ver bibliografia).

Há anos, acreditava-se que, para se tornar um leitor era necessário aprender primeiro os códigos alfabéticos; somente depois disso o sujeito leria. Essa concepção imperou nas nossas escolas, proporcionando uma escrita sem vida, desconectada da realidade das crianças e do mundo infantil. Infelizmente, ainda encontramos práticas de leitura que desrespeitam o potencial humano das crianças. Pesquisas foram relevantes ao questionar essa forma de inserir o sujeito na cultura escrita, e afirmar que só se aprende ler, lendo, ou melhor, vivendo intensamente.

Desse modo, há necessidade de se perguntar: o que queremos promover nas escolas - hábitos de leitura ou o ato de ler? Na tentativa de nos ajudar a responder, vamos buscar a diferenciação.

"(...) a decifração mecânica de sinais é atividade totalmente diversa da ação voluntária sobre a linguagem implicada no ato de ler. *Hábitos* estão ancorados na repetição mecânica de gestos; *atos*, na opção, no exercício da possibilidade humana de articular o agir ao pensar, ao definir, ao escolher" ( Perrotti, 1999, p. 33).

Se defendemos o diálogo com os textos lidos, a criação e recriação dos escritos, de forma crítica e participativa, o processo de inserção na cultura escrita deve ocorrer desde muito cedo na vida da criança, de forma a não torná-la um mero receptor.

Ler é uma forma de relação com o mundo, consigo mesmo e com outros modos da cultura escrita, um processo que atribui sentido à vida, um ato de desconfinamento. Não se lê, portanto, apenas dentro da escola.

Nesse sentido, intervir nas práticas pedagógicas confinadoras é necessário, pois a contemporaneidade exige interação entre as instituições de Educação e demais instituições públicas disponíveis na cidade, de forma a promover novas relações com o conhecimento, a leitura, a informação e a cultura.

Muitas propostas vêm sendo desenvolvidas nessa direção. Uma delas foi viabilizada na Creche/Pré-Escola Oeste Coseas USP e representa uma vivência prática, sinalizadora de caminhos para aproximar a comunidade escolar e extra-escolar da cultura escrita.

A Creche/Pré-Escola Oeste Coseas - USP mantém estreitas relações com a comunidade em que está inserida desde a sua origem. A história das creches na Universidade, da qual a Creche/Pré-Escola Oeste é parte integrante, iniciou-se a partir da busca da comunidade por um espaço para seus filhos.

A reivindicação por creches, na Universidade de São Paulo, data de 1965. Nessa ocasião, um grupo de funcionários da Reitoria encaminhou um pedido formal ao Reitor, solicitando "um espaço para deixar seus filhos, durante a jornada de trabalho". Não conseguiu ser atendido, mas despertou, na comunidade, principalmente entre as mulheres, a necessidade da luta por uma creche. Em 1975, uma famosa e histórica passeata de bebês, em frente ao

prédio da Reitoria, organizada por um grupo de mães da comunidade, culminou na formação de um grupo para a implantação do primeiro espaço para crianças pequenas do campus chamada Creche/Pré-Escola Central, inaugurada em 1982, portanto 17 anos depois da primeira reivindicação.

A conquista pelo espaço da Creche/Pré-Escola Oeste no campus da Universidade também se deu após diversas reivindicações da comunidade. Em abril de 1986, a COSEAS inicia o atendimento a 25 crianças, filhas dos funcionários somente da Prefeitura da Cidade Universitária, num pequeno prédio ao lado da Unidade. No ano de 1990, a creche ganha um novo prédio para atender a 110 crianças, dependentes de funcionários, docentes e estudantes de todas as unidades da Universidade, e passa a se chamar "Creche Oeste".

Garantido o espaço físico e a infra-estrutura para o funcionamento da Creche/Pré-Escola Oeste, iniciou-se a construção da proposta pedagógica à luz de uma concepção de Creche aberta. Essa concepção propiciou que a comunidade intra e extra Creche pudesse participar ativamente desse processo educativo. Assim, ao mesmo tempo em que a comunidade educa, ela também se educa.

Assumindo, portanto, uma postura de desconfinamento cultural, a Creche/Pré-Escola Oeste foi compondo na sua proposta pedagógica projetos inovadores. Dentre eles destacamos: o Projeto de trabalho desenvolvido pelas educadoras e a "Oficina de Informação" idealizada pelo PROESI (Programa Serviço de Informação em Educação) em parceria com a Divisão de Creches Coseas USP. O detalhamento de tais trabalhos, a seguir, poderá servir como um caminho inspirador, a ser repensado por todos aqueles envolvidos com questões educacionais e culturais.

#### O projeto de trabalho

O projeto de trabalho, iniciativa que reúne e articula diferentes ações, é considerado um dos principais veículos didáticos envolvendo pais, educadores, funcionários e comunidade do entorno, cuja duração varia em consonância com a faixa etária e interesse das crianças e o contexto no qual estão inseridas; possibilita resolução de problemas ocorridos dentro e fora da sala de atividades ou da escola.

Na Creche/Pré-escola Oeste cada grupo decide com as educadoras os assuntos a serem pesquisados no projeto. As crianças buscam as informações em fontes vivas: museus, parques, centros culturais e em vários dispositivos tais como vídeos, livros, revistas, internet, entre outros. Privilegiam-se situações reais.

É muito interessante observar as crianças circulando por toda parte da Creche e no entorno, durante o percurso de um determinado projeto, procurando pequenos animais no pátio: tatu-bolas, minhocas e formigas; convidando a secretária para participar do plantio das hortaliças; observando a borboleta sair do casulo; revolvendo o resíduo orgânico com o zelador; montando aquário seguindo um manual de instrução, entrevistando pesquisadores e funcionários; buscando informações em livros científicos e na internet; conhecendo os museus, visitando estúdios e editoras; comprando gibis em bancas de jornal, enfim, se relacionando com o mundo que as cerca de uma forma ativa e participativa.

No percurso do projeto as crianças têm a possibilidade de expressar seus conhecimentos, suas buscas, hipóteses, descobertas, vivências, emoções e sentimentos, utilizando várias linguagens; seus trabalhos são expostos no saguão da Creche para que pais, funcionários e visitantes possam contemplá-los e valorizá-los.

Ao terminar um determinado projeto, alguns momentos são registrados em uma pasta-memória, contendo fotos, legendas, autores e co-autores e ilustrações das crianças. Assim, além das lembranças, a Creche tem registros concretos que servem de referência às

educadoras de outros grupos, com a divulgação do trabalho e a possibilidade de as crianças, e também os funcionários, evocarem os momentos significativos vividos. Desta forma, a identidade do grupo vai se constituindo a partir do momento em que todos se vêem nesse processo dinâmico, representado nas pastas-memória e nos diferentes espaços da comunidade.

#### A Oficina de Informação

O outro projeto inovador que aqui destacamos, diretamente relacionado às questões da leitura, compreendida como ação articuladora das relações instituição educativa e comunidade, é a Oficina de Informação, espaço de informação e cultura instalado no ano de 1993 na então Creche Oeste. Realizado em parceria com a Escola de Comunicações e Artes da USP, desde seu pontapé inicial o projeto foi pensado como forma de estimular vínculos diversos para a promoção da leitura e a formação de leitores, da mesma forma que sugerir caminhos para a objetivação da compreensão de que a leitura é um ato sociocultural por excelência e, como já dissemos, só ganha significado pleno no mundo, no trânsito entre a escrita e a vida coletiva, grupal e social. Por vislumbrar um novo paradigma de biblioteca, capaz de aproximar os dispositivos de leitura e de informação da sociedade, uma vez que identificava um fosso entre biblioteca e sociedade no Brasil, o projeto inscrevia-se, desde suas premissas, em quadros conceituais que valorizavam as interações sociais em todos os seus aspectos.

A implantação do projeto demandou transformações físicas na Creche Pré-Escola Oeste. Dentre elas, a reorganização de uma pequena sala de 3 metros por 6 no andar superior - espécie de sótão - por onde as crianças não circulavam. Único espaço disponível, apesar de pequeno, o desafio estava lançado: proporcionar um ambiente estimulante em que os sujeitos pudessem se reconhecer e criar e recriar cultura nas várias linguagens expressivas.

Destinada a reuniões de trabalho e à guarda de inúmeros materiais que não estavam em uso pela Creche, a transformação da pequena sala em espaço atraente para acolher histórias orais e escritas, imagens, sons, cores, memórias, crianças e adultos, a chamada Oficina de Informação foi se compondo como um ambiente construído coletivamente, de tal forma que, concluída, representou um forte impacto estético e visual na Creche como um todo. No início, sentia-se que o espaço se diferenciava dos demais ambientes da Creche. Ele não ostentava recursos excepcionais, mas tinha uma concepção de fineza de espírito, de cuidado com a educação das crianças, de poesia, imaginação, beleza e respeito à infância e à toda comunidade da Creche que era impossível não se desejar estar lá.

Resultado de uma ação coletiva, a implantação da Oficina envolveu diversos segmentos da Creche e da comunidade: crianças, pais, funcionários, educadores, pesquisadores, bolsistas, voluntários. Para realizar o projeto, a USP cedeu o espaço físico, a Divisão de Creche providenciou equipamentos como TV, vídeo e aparelho de som. Mesmo assim, faltavam recursos institucionais e quase todo o selecionado acervo de aproximadamente 2.000 livros de literatura infantil foi doado pessoalmente por um dos pesquisadores, bem como foram obtidos por doações outros recursos materiais. Algumas pessoas trabalharam voluntariamente, criando e confeccionando as almofadas em forma de bichos e os painéis, para tornar o espaço encantador e aconchegante, como se desejava. Optou-se pelo tema da floresta como elemento de base para se constituir a ambientação da sala. As almofadas, os painéis de feltro na parede remetiam assim aos contos de fadas e suas inúmeras florestas e animais, criando uma atmosfera que fascinava as crianças e toda a comunidade interna e externa que vinha conhecer o espaço, aberto a visitas, forma esta também de importantes trocas com a comunidade próxima e distante. Quantas visitas de estudantes, professores, pesquisadores da própria Universidade e até de Universidades de outros estados brasileiros e do exterior! Não imaginávamos que aquele pequeno espaço coletivo fosse se abrir para geografias tão distantes...

A Oficina foi constituída e organizada à luz de conceitos que marcavam os espaços de leitura e informação concebidos pelo grupo de pesquisadores e que encontravam sustentação na ordem pedagógica da creche: sociabilidade, diversidade cultural, autonomia, ludicidade e afetividade. A partir da problematização de tais categorias, foram criados procedimentos, definidos processos e ações, começando pela organização do espaço físico, passando pela seleção e circulação dos livros e outros materiais, dos recursos informacionais, até a possibilidade de abrir as portas para a comunidade do entorno.

Inaugurada, a Oficina de Informação foi sendo incorporada às práticas pedagógicas concretas da Creche, alimentando, principalmente nas educadoras, uma esperança de mudança, visto que a Creche em seu todo passava por momentos difíceis.

Se as relações entre a Creche e a comunidade eram valorizadas no âmbito interno, convém frisar que, pela primeira vez na história das Creches da USP, configura-se esse tipo de vínculo estreito entre pesquisa e serviço, esta verdadeira parceria, em que a creche não é apenas objeto de estudos, mas parceira de ações, de interrogações, de dúvidas e dificuldades. Nesse sentido, as relações de parceria, ao mesmo tempo que promovem cooperações, apresentam problemas que necessitam de tato e de bom senso para serem superados.

Assim, por exemplo, apesar das inúmeras reuniões entre educadores, coordenação, pesquisadores e bolsistas para funcionamento da Oficina, a parceria apresentou alguns inevitáveis e esperados descompassos. Um deles: muitas vezes, diante da falta de funcionários, falhava a limpeza da Oficina, o que feria alguns princípios do projeto. Na dinâmica de funcionamento da Creche não sabíamos como resolver, de imediato, essa questão que contrariava princípios recomendados pelos pesquisadores. O ambiente - sua configuração e manutenção - era tido como uma questão essencial à formação dos leitores. Daí que um mal-estar aparecia, entre a realidade do serviço e os pressupostos da pesquisa. Quem ceder, o que mudar, onde o certo, o justo, o caminho a seguir?

São válidos os embates entre a comunidade adulta e seus pontos de vista. Todavia, pequenos, aos olhos das crianças. Com seus interesses indisfarçáveis, suas manifestações e mobilizações apaixonadas, elas foram demonstrando o significado essencial da Oficina de Informação nas suas ações, obrigando a que a comunidade adulta, junta, buscasse soluções a eventuais problemas e diferenças de posições. Que tipo de diferenças será capaz de justificar a fragmentação, o empenho isolado, se o afeto e o cuidado oferecidos são retribuídos com o mesmo empenho e cuidado por parte das crianças? Assim, mesmo estando no Ensino Fundamental, muitas crianças retornam à Creche para rever especialmente dois espaços: o pátio da árvore e a Oficina de Informação. Diante de tal evidência, a reunião e a cooperação mostram-se como alternativas possíveis e promissoras aos descaminhos produzidos pelo ensimesmamento, pelo fechamento institucional.

Saber a diferença

Relacionar-se com a comunidade não significa assimilar passivamente seus valores, suas práticas, suas ações. Ao contrário, a relação deve pautar-se pelo diálogo, pela reflexão, pela negociação dos valores e das práticas sociais. Um exemplo disso pode ser dado por episódio, envolvendo a Oficina de Informação, numa atividade em que a Creche/Pré Escola Oeste propõe às crianças no último grupo de permanência em seu espaço. Assim, estas são levadas a visitar escolas de Ensino Fundamental para que possam conversar com professores, coordenadores e alunos, satisfazendo curiosidades e dúvidas, já que no ano seguinte deverão ser transferidos para tais escolas.

Em uma dessas visitas, as crianças perguntaram para a coordenadora pedagógica: "Onde está a Oficina de Informação?" Ela, evidentemente, não compreendeu. O que seria uma Oficina de informação? Então, uma das educadoras traduziu: "É um espaço semelhante a

uma Biblioteca".

A coordenadora, rapidamente, pegou um molho de chaves e levou o grupo até um local protegido com grades. Se as crianças ficaram felizes ao se dirigirem para a tão desejada Oficina, logo expressaram uma grande decepção: "Isso não é Oficina! Não tem almofadas, caixas de livros, televisão, vídeo..."

A coordenadora da escola tentou argumentar: "Lógico que temos livros, estão nas estantes". As crianças se dirigiram até elas, mas logo foram advertidas: "Essa não é a estante para idade de vocês."

Olhares, entre educadores da creche e crianças, expressavam qualquer coisa como "que lástima!". A partir das vivências na Oficina de Informação e de outros espaços da Creche, as crianças não só aprendem a usar os livros, a ler, mas apropriam-se de valores culturais e sociais, podendo identificar quais ambientes respeitam seus direitos: de escolher, expressar-se, trocar, jogar com a realidade, imaginar e sonhar. Enfim, o direito de ler o mundo de diversas formas e diferentes jeitos.

Mudando espaços físicos e simbólicos: caminhos da cooperação

No diálogo com o espaço da Oficina de Informação, as salas de atividades das crianças de 4 meses até 6 anos e 6 meses foram se transformando para receber os livros escolhidos mensalmente por educadores e crianças na Oficina, prática adotada com a finalidade de constituir uma biblioteca de classe. Fruto, portanto, do trabalho conjunto creche-comunidade, as educadoras passaram assim a delimitar um espaço nas salas para receber os livros, criando um ambiente acolhedor e aconchegante que redefiniria o espaço educativo. Em algumas salas foram colocados tapetes e almofadas. Por razões especialmente de saúde e higiene, convém lembrar, devem ser mantidos sempre irreparavelmente limpos. Daí muitos educadores preferirem os materiais emborrachados, os tatames, mais fáceis de cuidar, embora sem o calor gostoso do tecido. No novo ambiente, as crianças podem sentar, deitar, se espalhar, encolher-se, encontrar, enfim, a melhor forma para se sentirem confortáveis em suas leituras. A corporalidade é elemento essencial e não pode nem deve ser descuidada nem padronizada, oferecendo diferentes possibilidades. Vale a pena lembrar o catador de papéis lendo nas ruas da Vila Madalena...

Assim, há crianças que gostam de ler sentadas no chão, outras deitadas, outras ainda ao lado de um amigo; há as que preferem ler sentadas em bancos, em cadeiras e até no colo, especialmente se são pequenas e precisam de auxílio, de alguém que leia para elas, que segure o livro, que vire as páginas...

Hoje, na Creche, existem também tendas de diversos tipos e tamanhos, com fixação no teto do canto de leitura, dando um clima mágico e ajudando a criar ambientação propícia às crianças. Os livros, geralmente, estão abrigados em bolsões transparentes fixados na parede, possibilitando o alcance visual e tátil.

Desde o berçário, as crianças pequenas podem construir uma relação carregada de significados com o objeto livro. Considerando que os bebês lêem o mundo sensorialmente, as educadoras organizaram um acervo de livros com materiais resistentes para suportar os toques, as babas, as brincadeiras, as disputas que ocorrem no dia-a-dia. Adequando-se, portanto, à idade das crianças, evita-se ter que adverti-las a cada minuto ou mesmo deixá-las sem materiais de leitura.

Ora, tais avanços são fruto de um trabalho coletivo, comum, envolvendo toda a equipe da Creche, bem como pais, pesquisadores, bolsistas, estudantes, visitantes, crianças do

entorno, no projeto pedagógico da Creche e da Oficina.

São visíveis os resultados do trabalho. Há 12 anos, por exemplo, as crianças, tanto pequenas quanto grandes, rasgavam e pisoteavam os livros. Agora, ao entrarmos nas salas, podemos contemplar crianças, independentemente das propostas dos educadores, lendo, trocando, realizando descobertas a partir dos vários indícios textuais, principalmente as ilustrações. Até os pequenos, ao avistarem um adulto adentrando o módulo, pegam nas suas mãos, puxam e o levam para o canto da leitura, pedindo que conte as histórias dos livros escolhidos.

#### Oficina de Informação e casa

Os livros, CDs e vídeos pertencentes à Creche também circulam nas casas das crianças e funcionários, proporcionando vínculos entre a comunidade, a Creche e a leitura. O empréstimo domiciliar é fator fundamental de promoção de vínculos e significa, antes de mais nada, uma atitude em face da cultura escrita: não isolar o leitor de seu grupo de origem. Ao contrário, trata-se de estimular a criação de laços por meio do escrito, trata-se de buscar elementos de reunião, de enraizamento cultural, numa sociedade que tradicionalmente fez da leitura marca da distinção, de diferenciação, de ruptura: a cultura dos letrados x a cultura dos iletrados.

Quando esse trabalho de empréstimos de livros para casa foi iniciado, alguns problemas de conservação e de devolução do material apareceram, em que pese o trabalho feito com crianças e pais sobre a necessidade de se cuidar e devolver materiais que são de todos. Um dos casos mais delicados ocorreu com a família de um menino de 5 anos, cuja mãe sequer distinguia os signos escritos e o pai só conseguia assinar seu nome. Ou seja, para a família os livros eram objeto estranho, de tal forma que voltavam rasgados e riscados para a Creche. Depois de uns 10 livros danificados, resolvemos tentar uma solução, inadequada como percebemos depois. Chamamos o pai para podermos compreender melhor o que se passava e tentar ajudar. Talvez por inabilidade de nossa parte, o pai tenha se sentido constrangido. O livro não era um valor importante para ele e, assim, ele proibiu a entrada de livros em sua casa. O que fazer diante do impasse?

Em primeiro lugar, é preciso admitir conflitos. Como dissemos anteriormente, ele é inerente ao processo de relacionamento entre partes com objetivos comuns, mas com repertórios e modos de agir e pensar extremamente diversificados. Em segundo lugar, é preciso fazer auto-exame e verificar onde está a dificuldade, diagnosticá-la. Imagine um médico sem capacidade de diagnosticar nossos problemas de saúde. As relações com a comunidade devem, pois, ser objeto de análise, de reflexão, de questionamentos e redirecionamentos. Foi o que fizemos.

Em discussão do problema em equipe, o coordenador científico do projeto fez uma observação bastante relevante para todos: sem o sujeito, sem o leitor, não há leitura. Se é preciso cuidar dos materiais, dos livros, não há leitura sem leitor, não é possível substituí-lo, nem reeditá-lo. Assim, obtido consentimento do pai, o menino continuou a levar os livros para casa, bem como suas irmãs, que também freqüentavam a Creche/Pré-Escola Oeste. Depois de um curto tempo, a situação-problema nunca mais se repetiu.

Além disso, introduzimos uma política de reposição e ampliação de livros na Creche, vitória fantástica para um grupo que começara uma ação com livros, apesar de selecionados criteriosamente, doados. Em outras palavras, a mobilização em favor da Oficina criara novas prioridades e novas práticas na Creche e na comunidade que a rodeia.

Atualmente, as crianças transportam os livros para casa em uma sacolinha de pano que propicia transporte fácil e ao mesmo tempo cuidadoso. No último ano das crianças na Creche, elas recebem a sacolinha como lembrança. Quem sabe, ao olhá-la ou tocá-la,

poderão evocar momentos significativos que viveram, prolongando-os e refazendo-os pela vida afora.

A visita de uma escola de Educação Infantil, da favela São Remo, à Oficina de Informação, permitiu que uma menina nos contasse da importância dos empréstimos domiciliares - que podem e devem se estender para a comunidade: "Aqui nessa creche fica o meu primo, eu já li vários livros que ele trouxe da creche para minha casa".

Um dia, fomos abordadas por uma mãe, pedindo uma lista de livros de que as crianças gostassem muito. Os espaços de leitura da Creche despertaram momentos significativos da sua infância, sua relação com a leitura. Ela queria contribuir com livros para o acervo da Oficina de Informação. Qual não foi a nossa surpresa, assim, ao recebermos na Creche, depois de alguns dias, todas as obras listadas! Além do seu filho, a mãe desejava que outras crianças também tivessem a oportunidade de desfrutar, de compartilhar leituras.

Um outro acontecimento marcante, envolvendo as famílias, merece ser relatado. Uma mãe de origem japonesa, ao retornar de viagem à terra dos pais, trouxe livros de dobradura e CDs de canções japonesas para o acervo da Oficina de Informação. As doações se estenderam para um convite de traduzir partes dos livros, o que permitiu, realizada a tarefa, a confecção de dobraduras, arte oriental milenar. E desse modo, numa tarde comum e inesquecível, enquanto dobravam papéis, transformando-os em bichos, flores e objetos, as crianças eram embaladas pelos sons das canções vindas de longe, mas que permitiam mentes, gestos e corações se ligarem, numa troca sensível e respeitosa, que permitiu ao grupo localizar semelhanças e diferenças nos mais distantes pontos do planeta. Mais que japoneses, brasileiros, brancos, negros, amarelos, somos participantes de uma espécie que em diferentes pontos deste mundo tece as tramas da existência de cada um de nós. Somos responsáveis pelo que conhecemos, disse Exupéry. A consciência, o conhecimento nos abre para a ética. Sem o outro não há conhecimento, nem ética, nem consciência.

Os vários segmentos da Creche tendo acesso à Oficina de Informação

Feita pela e para a comunidade, a Oficina acolhe não só as crianças, os familiares, os educadores. Acolhe também os funcionários que ali vão para realizar diferentes atividades, em variados momentos. Após o almoço, Raquel, por exemplo, funcionária da cozinha, vai ler - prefere os gibis -, navegar na internet, assistir à TV, ou mesmo, trocar oralmente informações, conversando, com os amigos de outros setores da Creche. As aulas de culinária transmitidas pela TV vêm contribuindo, segundo ela, nos cuidados com a decoração dos pratos de saladas servidos às crianças. Como ela mesma diz, sente-se "muito descolada" quando por alguma razão, externa à sua vontade, não pode freqüentar o lugar. Tenta outro espaço para ficar, porém "não é a mesma coisa".

Desse modo, a possibilidade de a Creche ter um espaço coletivo, como a Oficina de Informação, favorece o diálogo não só das crianças, mas de toda a comunidade interna e externa com a cultura e o conhecimento. Se esse espaço tivesse sido organizado somente nas salas de atividades das crianças, os adultos que trabalham em outros segmentos da Creche dificilmente teriam esse tipo de participação. E, convém lembrar, é a comunidade que educa, é o conjunto de sujeitos sociais com suas ações diversas e diferenciadas que responde pela formação geral de crianças e jovens, bem como atua com suas opções e gestos na leitura e na formação de leitores.

Abrir as portas para o entorno

No ano de 2001, a Creche/Pré-Escola Oeste estabeleceu um vínculo com uma instituição chamada "Alô-Alô", localizada na favela São Remo. Com isso as crianças do Alô-Alô poderiam freqüentar, esporadicamente, a Oficina de Informação, e emprestar livros, em caráter de experiência.

Nas primeiras visitas, as crianças da escola Alô-Alô ficaram deslumbradas com o espaço da Oficina de Informação; corriam para todos os lados, brincavam com as almofadas em forma de bichos e fantoches, mexiam nos aparelhos eletrônicos, enfim, exploravam cada pedacinho do ambiente, com exceção das caixas com os livros.

Após alguns encontros, o grupo já estava bem mais centrado, e podia, então contemplar as mais belas histórias guardadas nas caixinhas. Três meninas encontraram, uma de cada vez, no acervo, livros sobre artes visuais. Uma delas trouxe para a sua professora o livro "Almeida Junior" dizendo: "Olha o que eu encontrei, é o livro do Monet!" Outro livro de arte apareceu e, mais tarde, o do próprio Monet. A menina se sentou bem perto da professora e foi contando a biografia do artista, a partir das imagens. A professora contou que as crianças estavam pesquisando na escola sobre as obras do artista Monet; por isso, mostravam a ela o que encontravam.

Nessas idas e vindas das crianças, o grupo 6 (crianças de 6 anos) da Creche pediu para conhecer o espaço da escola Alô-Alô. Tínhamos três crianças que moravam no local. Os dois meninos que lá residiam, orgulhosos, mostraram o caminho para chegar à comunidade São Remo. Tudo era uma grande novidade para as crianças da Creche: a rua com várias barracas de doce e aguardente e as carroças com cavalos, circulando. O estranhamento se deu quando entraram na escola adaptada, casa de alvenaria com um quintal pequenino: "Nossa!"

Quando o grupo aproximou-se do portão, as crianças do Alô-Alô estavam gritando e acenando. O pequeno espaço se transformou num lugar aconchegante com um tapete azul no chão. O suporte de madeira estava repleto de livros, as mesas organizadas com propostas diversas e simultâneas.

As trocas entre as crianças foram inúmeras, mas uma, em especial, chamou a atenção. De repente, uma menina do Alô-Alô fez um pedido, dizendo que gostaria de ouvir uma história lida por uma criança. Três meninas do Pré da Creche começaram a contar a história dos autores Mary França e Eliardo França. A professora Márcia, do grupo Alô-Alô, nos informou que, na escola, o grupo não tinha visto, ainda, nenhuma leitura "convencional" feita por criança.

Para finalizar

Abrir a Oficina de Informação para a comunidade do entorno possibilitou um elo entre iguais e diferentes - meninos e meninas, alguns pobres, outros nem tanto. As experiências vivenciadas permitem dizer, no entanto, que os espaços de leitura e seus leitores, em constante interação com as palavras e o mundo, não podem se restringir aos espaços escolares. As relações entre escola e comunidade devem ser, assim, foco de atenção por parte dos educadores, pois a leitura do mundo e a da palavra caminham em interação; os espaços de leitura não só insuflam vida ao mundo, como também são insuflados por tudo aquilo que constitui sua essência: cor, cheiro, saberes, sabores, sentidos, memórias, lembranças, invenções.

Retornando à imagem do carroceiro da Vila Madalena, podemos perguntar: que experiências com livros, leitura, escola e cultura escrita passaram por sua vida?

Acreditamos que cuidar dos espaços de leitura, com todas as dimensões que eles representam, é fundamental. Para isso, há necessidade de educadores envolvidos no processo educativo, imbuídos de postura desconfinadora. Quem sabe, assim, um dia, poderemos contemplar crianças brasileiras nos vários espaços, dentro e fora das instituições, lendo de diversos jeitos e diferentes formas. Mãos à obra!

## BIBLIOGRAFIA

ACHARD, P. *Papel da memória*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

BAJARD, E. *Ler e dizer: compreensão e comunicação do texto escrito*. São Paulo: Cortez, 1994.

BETHELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretária de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional*. Brasília: MEC/SEF, 2000.

\_\_\_\_\_. *Constituição Federal*. 9.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

\_\_\_\_\_. *Estatuto da criança e do adolescente*. Lei n. 8.069/90. 3a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BRUNER, S. J. *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CHARTIER, R. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

DELANNOY, J. P. *Guia para a transformação das bibliotecas escolares*. Lisboa: Livros Horizonte, 2000.

DIAS, M. C. M. Metáfora e pensamento; considerações sobre a importância do jogo na aquisição do conhecimento e implicações para a educação pré-escolar. In: KISHIMOTO, T. (org.). *Jogo, brinquedo e brincadeira e a Educação*. São Paulo: Cortez, 1996.

DIAS, M. C. M. *Saberes essenciais ao educador da primeira infância: uma reflexão na perspectiva dos protagonistas*. São Paulo, 1997 (Tese de Doutorado apresentada à FEUSP).

FARIA, I. P. *Estação Memória: lembrar como projeto*. Contribuições ao estudo da mediação cultural. São Paulo, 1999 (Dissertação de mestrado apresentada à ECA/USP).

FREIRE, P. *A importância do ato de ler*. São Paulo : Cortez, 1982

GOZZI, R. M & SEKKEL, M. C. O espaço: um parceiro na construção das relações entre as pessoas e conhecimento. In: Dias, M. C. M. & NICOLAU, M. L. M. (org.) *Oficinas de sonho e realidade na formação do educador da infância*. São Paulo: Papirus, 2003.

MARTINS, M. H. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

MORIN, E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

\_\_\_\_\_. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

\_\_\_\_\_. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.

OBATA, R. K. Biblioteca Interativa: construção de novas relações entre Biblioteca e Educação. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, Nova Série, v. 1, n. 1, p. 91-103, 1999.

PERROTTI, E. *Confinamento cultural, infância e leitura*. São Paulo: Summus, 1991.

\_\_\_\_\_. *Informação e Educação: Teoria e Prática*. Ementa do curso de pós-graduação. São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. *Projeto integrado: Biblioteca Interativa e Educação: um novo paradigma em Ciência da Informação*. São Paulo: CBD/ECA/USP, 1996 (Relatório apresentado ao CNPq).

\_\_\_\_\_. Leitores e ledores e outros afins. In: PRADO, J. e CONDINI, P. (org.). *A formação do leitor: pontos de vista*. Rio de Janeiro: Argus, 1999.

VIRILIO, P. *Estratégia da decepção*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

WALLON, H. *Psicologia e educação da criança*. Lisboa, Veja Universidade, 1979.

1 Mestranda em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes - ECA/USP, especialista em Educação Infantil pela Faculdade de Educação/USP e Arte-Educação pela Escola de Comunicação e Artes/USP. Coordenadora Pedagógica da Creche/Pré-Escola Oeste /COSEAS/USP. Professora do curso de Pedagogia da Faculdade Associada de Cotia - FAAC.